

Miscelânea de afetos e notícias: o discurso das cartas em Clarice Lispector

Vera Lucia Albuquerque de Moraes
Fernanda Maria de Abreu Coutinho

*O que eu espero é que através desta carta
tão tola vocês saibam ver amizade e saudade.*
(Clarice Lispector)

*Viver é isso mesmo e afinal ser feliz é fácil
como fechar os olhos.*
(Clarice Lispector)

A correspondência de Clarice Lispector está dividida em três publicações da maior importância para entendermos a autora: *Cartas perto do coração* (2000), *Correspondências* (2002) e *Minhas queridas* (2007). A escritora Teresa Montero, que publicou a instigante biografia de Clarice Lispector *Eu sou uma pergunta* (1999), tem-se dedicado a reunir e selecionar esse precioso acervo de correspondências da escritora, com o objetivo de compor um retrato da trajetória biográfico-literária de Clarice, além de desvendar ao leitor importantes fatos históricos e sociais que perpassaram o contexto sócio-político daquela época.

As cartas de Clarice Lispector sempre foram recebidas com grande euforia, tendo Otto Lara Resende confessado que “ler as cartas de Clarice é como saborear garrafas de champanhe espumante” (Montero, 1998). Aos olhos dos amigos escritores, Clarice ganhava um charme todo especial por estar vivendo no exterior; paradoxalmente, esse fato gravou-lhe impressões sombrias, a ponto de considerar-se exilada de tudo que mais amava: sua família, seus amigos e seu país.

A correspondência com as irmãs Elisa e Tania, reunidas por Teresa Montero no livro *Minhas queridas* (2007), evidencia um constante lamento de Clarice provocado

por essa situação de desenraizamento geográfico e sentimental vivida por longos 16 anos. Em consequência desse contexto, ela vivenciou uma série de perigosas experiências que pontuaram momentos importantes da história política da Europa, se cogitarmos que efetuou travessia pelo continente europeu em plena guerra.

Cartas perto do coração registra intensa correspondência entre Clarice Lispector e Fernando Sabino, desde muito jovens até o final da vida da escritora, em 1977. São momentos em que se revelam um ao outro (e ao leitor), numa constante confissão de sentimentos, perplexidades e indagações que marcaram a natureza sensível de suas personalidades. Em especial, as cartas são dedicadas à análise de questões relacionadas ao *métier* de ambos – como a gênese e a urdidura de seus livros – envolvendo radicalmente o imaginário do leitor, arrebatado pela magia da pena desses autores:

Na última fase da vida de Clarice surgiram-lhe outras relações de amizade, mas a nossa foi das primeiras, e das mais intensas, desde o início de sua carreira literária.

Em janeiro de 1944, eu mal havia completado vinte anos e recebia em Belo Horizonte, onde ainda morava, o exemplar de um romance chamado *Perto do coração selvagem*, com uma dedicatória da autora, Clarice Lispector, que eu não sabia quem fosse. Também não sabia por recomendação de quem – talvez de Lúcio Cardoso.

Fiquei deslumbrado com o livro.

Rubem Braga conheceu Clarice em Nápoles durante a guerra – Maury Gurgel Valente, seu marido, servia lá como diplomata. Quando ela retornou ao Brasil, Rubem nos apresentou um ao outro.

Fiquei deslumbrado com ela (Sabino, 2001:7).

A transparência da amizade sincera estabelece um pacto de confiança entre os escritores, a ponto de Fernando Sabino tecer comentários desfavoráveis à estrutura narrativa de alguma obra de Clarice e a autora aceitar humildemente as críticas do amigo, chegando mesmo a providenciar revisão dos elementos apontados: assim acontece com os romances *A maçã no escuro* e *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, em que Sabino critica o caráter professoral e um tanto pedante de Ulisses, personagem por quem criou imediata aversão – o que confessa na maior transparência a Clarice – embora teça elogios às intenções do livro e seu andamento poético. O pacto de amizade entre os dois permite essa atitude de Fernando Sabino, sempre bem recebida por Clarice, que constantemente enviava seus escritos ao amigo, em busca das pertinentes observações. Essa mesma reação não acontece ante o crítico literário Álvaro Lins que, como bem sabemos, sempre recebeu com reservas e atitudes desabonadoras a obra de Clarice Lispector. Por não estar incluído entre os amigos queridos e tratar-se de uma pessoa afastada intelectualmente da autora,

a recorrência dessas críticas causou-lhe traumas constantemente lembrados em suas confidências:

Encontrei cartas de casa e vários artigos de jornal, artigo de Reinaldo Moura, nota de Lazineira Luiz Carlos de Caldas Brito..., várias notinhas, referências a você e a mim em Sérgio Milliet, e em vários. E nota de Álvaro Lins dizendo que meus dois romances são mutilados e incompletos, que Virgínia parece com Joana, que os personagens não têm realidade, que muita gente toma a nebulosidade de Claricinha como sendo a própria realidade essencial do romance, que eu brilho sempre, brilho até demais, excessiva exuberância... Com o cansaço de Paris, no meio dos caixotes, femininamente e gripada chorei de desânimo e cansaço. Só quem diz a verdade é quem não gosta da gente ou é indiferente. Tudo o que ele diz é verdade. Não se pode fazer arte só porque se tem um temperamento infeliz e doidinho. Um desânimo profundo. Pensei que só não deixava de escrever porque trabalhar é a minha verdadeira moralidade (Sabino, 2001:21).

Fernando Sabino elogia com entusiasmo a maioria dos contos de *Laços de família*, antes mesmo de serem reunidos em coletânea. Diz que *A imitação da rosa* é uma obra-prima e também tece comentários bastante favoráveis aos contos *Feliz aniversário*, *Devaneio e embriaguês de uma rapariga* e *O crime do professor de matemática*. Termina as observações avaliando que “você fez oito contos como ninguém nem longinquamente conseguiu fazer no Brasil” (Sabino, 2001:125).

Em resumo, o livro *Cartas perto do coração* trata, como vimos, da trajetória de uma grande amizade, da insegurança e da carência de dois jovens escritores que se apoiaram mutuamente através de volumosa e fiel correspondência – que tematiza afetos, confissões, notícias relevantes do mundo social e político – convergindo o foco das discussões em direção aos meandros do universo da literatura, motivo condutor de todo esse valioso acervo de cartas.

A coletânea *Correspondências* é aberta com carta a Lúcio Cardoso, escrita em Belo Horizonte e datada de 13 de julho de 1941. Contém impressões sobre as contínuas mudanças geográficas de Clarice, fatos que abalam o humor da escritora “Eu pretendia chorar na viagem, porque fico sempre com saudade de mim. Mas felizmente sou um bom animal sadio e dormi bem, obrigada” (2002:15).

As cartas trocadas com o marido assumem um tom delicado de ambas as partes: em alguns momentos, são leves e brincalhonas, em outros, líricas e poéticas, evidenciando uma atmosfera mútua de respeito e de admiração:

Alô, bem

Tudo muito poético. Uma chuva enorme me esperando na estação, um carro descoberto pra me conduzir à Fazenda guiado por um belo negro e dois

cavalos; uma capa grossíssima, cheirando a cavalo. Pra cobrir jovem viajante. E os solavancos. E a sensação de perigo (quase nenhum, infelizmente) ao atravessar o riozinho. Por um triz – *uma* aventura! Faltou justamente o carro virar e a donzela cair desmaiada sobre a terra, os loiros cabelos misturados à lama (2002:17).

Clenir Bellezi de Oliveira, no artigo “A fênix da palavra” da revista *Discutindo literatura: Clarice Lispector, um olhar sobre a obra de uma das divas das letras brasileiras*, comenta que ao revelar a precariedade de sua condição e muitas vezes o que existe para além da falsa estabilidade de sua rotina, Clarice revela o que há de realmente vivo sob a superfície do cotidiano. Seu olhar penetrante desconcerta o leitor, uma vez que ela tem a propriedade de ficcionalizar-se, incessantemente, assumindo papéis criados no transbordamento do imaginário.

Podemos conferir essa opinião, em carta que envia, de Belém, a Lúcio Cardoso, no dia 6 de fevereiro de 1944:

Estou aqui meio perdida. Faço quase nada. Comecei a procurar trabalho e começo de novo a me torturar, até que resolvo não fazer programas; então a liberdade resulta em nada e eu faço de novo programas e me revolto contra eles. Tenho lido o que me cai nas mãos. Caiu-me plenamente nas mãos *Madame Bovary*, que eu reli. Aproveitei a cena da morte para chorar todas as dores que eu tive e as que eu não tive. Eu nunca tive propriamente o que se chama “ambiente” mas sempre tive alguns amigos (2002:36).

Clarice chora a lacuna, a falta, a ausência do que não sabe nomear; ao mesmo tempo, entretanto, tem medo da completude, de sentir-se saciada e não ter necessidade de explorar a liberdade do sonho, o encanto da indefinida procura:

Lúcio:

Imagine que eu estava junto da mesa, pronta para escrever para você e contar coisas, quando bateram à porta e trouxeram-me, vindo do Rio, o que você publicou no *Diário Carioca*. Isso valeu como se você tivesse respondido à minha primeira carta... Gostei tanto. Fiquei assustada com o que você diz – que é possível que meu livro seja o meu mais importante. Tenho vontade de rasgá-lo e ficar livre de novo: é horrível a gente já estar completa (2002:41).

A súplica pela mão especial (de Clarice, do leitor ideal) que compartilhe experiências cruciais com a autora, ao mesmo tempo que a tire da solidão existencial, traz à tona um dos motivos mais recorrentes da obra clariciana: a relação

eu *versus* outro. Essa necessidade contínua de contato e amparo acentua o lado solitário da escritora que, mesmo em ambientes alegres, festas elegantes e passeios pelo mundo afora, sentia-se constantemente deslocada e infeliz pela falta de algo essencial e indefinível – o que gera, em Clarice, um permanente sentimento de exilada em terras estrangeiras.

Uma carta chama particularmente a atenção, porque constitui valioso registro histórico. Em 9 de maio de 1945, quando Clarice encontrava-se em Roma, escreveu para as irmãs, descrevendo a impressão que a notícia do fim da guerra causou à população:

Uma das coisas de que eu estou surpreendida e vocês certamente também é que no bilhete de hoje de manhã não falei no fim da guerra. Eu pensava que quando ela acabasse eu ficaria durante alguns dias zonzona. O fato é que o ambiente influenciou muito nisso. Aposto que no Brasil a alegria foi maior. Aqui não houve comemorações senão feriado ontem; é que veio tão levemente esse fim, o povo está tão cansado (sem falar que a Itália foi de algum modo vencida) que ninguém se emocionou demais. Naquele filme *Wilson* vocês viram a parte natural do fim da guerra de 14: uma alegria doida. Mas agora não. Eu estava posando para De Chirico quando o jornalista gritou: *É finita la guerra!* Eu também dei um grito, o pintor parou, comentou-se a falta estranha de alegria da gente e continuou-se. Daqui a pouco eu perguntei se ele gostava de ter discípulos. Ele disse que sim e que pretendia ter quando a guerra acabasse... Eu disse: mas a guerra acabou! Em parte a frase dele vinha do hábito de se repeti-la, e em parte do fato de não ter mesmo a impressão exata de um alívio (2002:73).

Clarice correspondeu-se com muitos escritores notáveis, como Ferreira Gullar, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Vinicius de Moraes, Rubem Braga, entre outros. Manuel Bandeira, que sempre a tratava como uma menina pela diferença de idade, brincava com a sonoridade de seu nome, atitude bem típica do poeta, em cujos versos a musicalidade pontifica como um dos principais recursos de sua arte poética:

Clarice querida,

Um dia que eu estava me caceteando no Lido num desses almoços-homenagens, lembrei-me de você e as minhas saudades se traduziram numa quadrinha que escrevi no menu e passei ao Chico, que estava sentado em frente de mim. Agora quis relembra-la e não consegui. Só me recordo que fazia uma brincadeira verbal com o seu nome e o último verso era Clara... Clarinha... Clarice (2002:78).

Sua carta de julho deu uma grande alegria. Você nunca é falante, barulhenta. O que você escreve nunca dói nem fere os ouvidos. Você sabe escrever baixo. E sua assinatura, Clarice, é você inteirinha: Clara... Clarinha... Clarice... Receba um grande abraço do velho amigo Manuel (2002:79).

De Drummond, a escritora recebeu, entre outras coisas, belo poema, expressando suas impressões pós-leitura de um romance. Conhecendo o temperamento tímido, contido, reservado e avesso a manifestações sentimentais do poeta, devemos inferir o poder de sedução de Clarice – mulher e escritora – sobre a sensibilidade de Drummond, levando-o a definir metaforicamente o livro de Clarice como “mistério e chave do ar”:

Querida Clarice:
Que impressão me deixou o seu livro!?
Tentei exprimi-la nestas palavras:

- Onde estivestes de noite
que de manhã regressais
com o ultramundo nas veias,
entre flores abissais?

- Estivemos no mais longe
que a letra pode alcançar:
lendo o livro de Clarice,
mistério e chave do ar.

Obrigado, amiga! O mais carinhoso abraço da admiração do

Carlos (2002:287).

O final do livro *Correspondências*, parte que corresponde às cartas da década de 1970, é recheado de recortes amorosos para o querido filho Paulo, que fazia intercâmbio cultural nos Estados Unidos. O primogênito Pedro desenvolveu, desde cedo, um quadro de esquizofrenia, fato que muito angustiava a escritora. Clarice tinha um temperamento maternal e todos seus biógrafos reafirmam seu grande amor pelos filhos, a partir da solução que achou para trabalhar seus textos: uma máquina de escrever pequena, portátil, que colocava no colo, e, dessa forma, acompanhava a movimentação das crianças pela casa. Era também muito protetora com animais

– vemos uma vastíssima galeria deles em sua obra – e muito generosa com pessoas carentes. Durante a guerra prestou socorro aos soldados feridos, maneira que achou inclusive para dar sentido mais substancial à sua vida no exterior.

Se, do ponto de vista da composição, as cartas fluem de um modo mais autêntico, menos elaborado, mais informal, do ponto de vista dessa “escrita do eu” figuram representações de uma Clarice Lispector inteira, ora sombria, ora alegre, oscilando entre a “difícil alegria” das descobertas, e o enclausuramento de sentir-se exilada, perdida em terras estranhas. As cartas têm a importante função de conectar Clarice a pessoas queridas, referências importantes em sua cartografia geográfica e sentimental. Apontam, também, para a materialidade dos livros que publicou, para os críticos complacentes ou severos que analisaram sua escrita e para os leitores que continuam interrogando seus textos, escavando, sob diversos prismas, o mistério de sua palavra.

Os 16 anos que Clarice Lispector passou “exilada” de sua família e de seu público leitor também renderam uma alentada correspondência às suas irmãs Elisa e Tânia, publicada em 2007, com o título de *Minhas queridas*. Entre as décadas de 1940 e 50, Clarice fixou residência em várias cidades do exterior e escreveu dois romances: *A cidade sitiada* (1949) e *A maçã no escuro* (1961), sendo que *O lustre* estava terminado quando ela se mudou para Nápoles. Nesse meio tempo, publicou as coletâneas de contos *Alguns contos* (1952), *Laços de família* (1960) e *A legião estrangeira* (1964).

Além de mostrar as interfaces do “amor e da ternura” entre as irmãs Lispector, esse livro é um importante depoimento de momentos que marcaram o exílio geográfico e sentimental dessa singular escritora do Modernismo Brasileiro: “Eu sou uma pobre exilada. Você não imagina como longe do Brasil se tem saudade dele. Sou capaz de escrever um novo Brasil, país do futuro...” (2007:63).

Com a morte do pai de Clarice, em agosto de 1940, ela e a irmã Elisa passaram a morar com Tânia, então casada com William Kaufmann. A paixão pelas letras era compartilhada pelas três irmãs Lispector, tendo Elisa publicado seu primeiro romance, *Além da fronteira*, sem o conhecimento das irmãs, evidenciando, desde logo, um modo de ser muito reservado. Clarice, a caçula, sempre exerceu uma atitude extremamente maternal com suas irmãs mais velhas, fato que se mostra nas minúcias e nos detalhes de questões levantadas pela escritora em cartas trocadas com o núcleo familiar, no período em que morou na Europa e nos Estados Unidos.

Seu primeiro filho, Pedro, nasceu em Berna. Lá, Clarice entrou em contato com o existencialismo de Sartre, escreveu *A cidade sitiada* e iniciou-se na leitura de François Mauriac, Tolstoi e Simone de Beauvoir. Nesse lugar, vivenciou dolorosamente um sentimento de “desenraizamento”, provocado por anos de permanência no estrangeiro, com a especificidade de pertencer ao meio diplomático em que, segundo ela própria, se está fora da realidade e não se entra em nenhum meio: “o meio diplomático é composto de sombras e sombras” (2007:14). Mas não foi só o

meio diplomático que lhe deixou indesejadas recordações: sua trajetória em Berna tornou-se maçante e incolor, a ponto de afirmar: “só voltarei a Berna se Pedrinho quiser ver o lugar onde nasceu” (2007: 222.)

Seu exílio será tema das muitas cartas que escreveu a suas irmãs: Estamos espiritualmente cansados (...) imagina que daqui a alguns anos estaremos exaustos. O corpo e cabeça ficam constantemente procurando uma adaptação, a gente fica fora de foco, sem saber mais o que é e o que não é. Nem meu anjo da guarda sabe mais onde moro (2007:14).

O acervo que compõe *Minhas queridas* legitima-se numa época em que se acentua um crescente interesse pela correspondência e pelo manuscrito literário, importância essa que vem crescendo significativamente à medida que a internet se instala como meio de domínio da produção escrita, anulando cartas de papel escritas a mão ou em máquinas de escrever. Assim, esse maço de lembranças cuidadosamente cultivado oferece ao leitor a oportunidade de evocar tempos passados, tempos em que havia o uso do telégrafo, em que o carteiro era personagem destacada de tantas vidas, valendo como um istmo entre saudades apartadas pela distância Clarice confessa a Tânia que “receber carta sua às vezes tem o sentido que teria abrir as janelas de um quarto onde eu estivesse fechada há semanas”.

Lícia Manzo, no instigante livro *Era uma vez: Eu – a não-ficção na obra de Clarice Lispector* (1997), afirma que essa escritora esboça, através de sua literatura, um percurso irreversível em direção à primeira pessoa, ao texto confessional, ao eu, acabando por converter-se na personagem central de seus textos. Refletindo nessa direção, compreende a ficção clariciana como uma “autobiografia não planejada”, um exercício de ler a sua vida através do que Clarice nos “contou” em sua literatura:

O ato criador é perigoso porque a gente pode ir e não voltar mais. Por isso que eu procuro me cercar na minha vida de pessoas sólidas, concretas: de meus filhos, de uma empregada, de uma moça que mora comigo e que é muito equilibrada. Para eu poder ir e voltar dentro da literatura sem o perigo de ficar. Todo artista corre um grande risco. Até de loucura. Por isso precisa tomar cuidado. Eu tomo cuidado. Eu gosto de comer, de comprar roupa, adoro meus filhos, gosto de convidar a namorada de meu filho para vir jantar. O cotidiano como fator de equilíbrio das incursões pelo desconhecido da criação (Manzo, 1997:209).

A metamorfose de Clarice Lispector em Clarice Gurgel Valente, esposa devotada à vida doméstica e ao marido Maury Gurgel Valente, acarretaria uma

série de mudanças à vida da jovem escritora, das quais as mais expressivas foram os sucessivos e obrigatórios deslocamentos para acompanhar o marido em missão diplomática, fixando residência em Belém, Itália, Suíça, Inglaterra e, por último, nos Estados Unidos.

O tom especialmente afetivo com que escreve à irmã Tânia, que ela chama de “minha única filhinha”, “minha única amiga” é um comovente depoimento do isolamento emocional que acompanhava Clarice, enquanto cumpria funções na alta sociedade, papel totalmente em desacordo com as buscas interiores que ela empreendeu, incessantemente, durante toda sua vida. Entretanto, em outros momentos, procurou transmitir para as irmãs uma atmosfera mais leve e descontraída da vida que levava, salientando o ambiente de sofisticação e *glamour* que inevitavelmente acompanhava a vida requintada de um casal de diplomatas no exterior, embora Clarice tentasse, com modéstia, minimizar a importância dessas representações:

Como você sabe, a Sra. Roosevelt passou por aqui. Fomos convidados para recebê-la no aeroporto e para ir a uma recepção dada a ela. Fui com meu vestido preto. Ela é simpaticíssima, muito simples, vestida com bastante modéstia, bem mais bonita pessoalmente do que nas fotografias e no cinema. No dia seguinte ela deu entrevista coletiva à imprensa e eu fui, mandei noticiário telegráfico para a *Noite*, mesmo estando de licença porque não queria perder a chance (2007: 31).

Hoje tenho que ir a um *cocktail*. Amanhã jantaremos com o Presidente na casa do ministro, com vestido comprido e balangandãs materiais e espirituais. Depois de amanhã almoçarei na casa da embaixatriz de França, senhora que escolhe muito os convidados e que me honra com sua atenção freqüente (ela é aliás a única mulher inteligente do meio diplomático). Depois de depois de amanhã, almoço com o ministro do Exterior na nossa Legação... Não pense que é sempre assim, é uma semana rara. A você conto para dar idéia do que pode acontecer por aqui... (2007:205).

Minhas queridas põe em destaque a insistência de apelos e a recorrência de pedidos por cartas freqüentes que simbolizavam a intensidade do amor ora exigido, ora humildemente implorado por Clarice a suas irmãs. Os sentimentos que emanam dessas cartas expõem certa dose de ingenuidade quase infantil, escrita simplória que contrasta com uma escrita outra – a de sua obra literária – dotada de singular complexidade em suas estratégias argumentativas. Os textos das cartas põem em foco a comovente carência de Clarice em relação ao núcleo familiar, bem como sua constante atenção à saúde e ao bem-estar das irmãs, da sobrinha, do cunhado, etc.

Roma, 8 novembro 1944

(Carta velha...)

Elisa, queridinha:

Você não é minha amiga? Por que você não me escreve dizendo coisas suas, dizendo do apartamento, do trabalho, de você mesma?

Estou escrevendo a última hora, antes de levarem as cartas, e mesmo depois de ter escrito a vocês duas. Mas quis ainda fazer este apelo de última hora, na esperança de comover você.

Me diga também sobre Tânia, se ela está muito cansada. Por favor, se você me quer bem, escreva.

Cuide-se, divirta-se, cuide de Tânia, seja feliz. Nem sei mais o que dizer, tão aflita fico por convencer. Diga sobretudo o motivo porque até agora não me escreveram.

Um abraço da

Sua Clarice (2007: 44).

Os momentos de pausa, em que não conseguia escrever, provocavam-lhe muita inquietação: “Não escrevi uma linha, o que me perturba o repouso. Eu vivo à espera de inspiração com uma avidez que não dá descanso. Cheguei mesmo à conclusão de que escrever é a coisa que mais desejo no mundo, mesmo mais que amor” (apud Gotlib, 1995:223). Quanto mais a escrita lhe parecia difícil, mais tinha certeza de ser ela a essência de sua vida. As críticas negativas sobre seus primeiros livros – talvez pela apresentação de uma linguagem literária tão deslocada em relação à escrita tradicional vigente – deixaram marcas na escritora, contribuindo para aumentar o grau de ansiedade que sentia em períodos considerados difíceis. Em *Minhas queridas*, podemos observar suas constantes mudanças de humor, oscilando, continuamente, entre estados de leveza e alegria, passando por indiferença, chegando à mais completa apatia, momento em que grande sono ronda a escritora.

O humanismo em Clarice Lispector - um estudo do ser social em A Hora da Estrela (2006:23), ensaio escrito por Ana Aparecida Arguelho de Sousa, procura explicar que as pesquisas sobre Clarice contêm elementos expressivos de uma possível identidade entre a autora e suas personagens. O projeto ideológico que perpassa sua obra dá a conhecer uma produção escrita direcionada à busca incessante da essência do ser humano, situando-o em seu contexto social e existencial. A crítica tem apontado grande proximidade entre a produção literária de Clarice com a de James Joyce e Virginia Woolf, especialmente quanto aos recursos discursivos utilizados pelos três escritores: o caráter desconstrutivo da narrativa, o fluxo da consciência, a epifania e a natureza poética, entre outros.

Desde a infância, Clarice se revelou muito sensível às fraquezas e misérias do mundo. E fez questão de evidenciar esse sentimento de comoção em muitos de seus

textos. Por isso, ficou muito abalada quando passou a ser tachada de “alienada” por alguns críticos: sem fazer literatura engajada a partidos políticos ou a causas panfletárias, escreveu, no entanto, para engrandecer o ser humano, levando-o a descobrir sua essencialidade e, em conseqüência, lutar por suas verdades, assumindo atitudes na vida. *A hora da estrela* é seu “livro vingador”, aquele que fecha o ciclo de trajetória da nordestina pobre (Macabéa/Clarice) que se desenraiza no exterior, mas que, ao morrer, volta às suas raízes, na transparência da personagem criada, inteligentemente urdida pela escritora.

Vilma Arêas (2005:15-16) faz uma sugestiva distinção entre os textos de Clarice escritos “com as entranhas” (consagrados pela tessitura bem urdida) e os textos escritos “com as pontas dos dedos” (textos menos elaborados e que a própria autora chamou de “lixo”, a exemplo dos contos de *A via crucis do corpo*). Vilma defende a idéia de que os textos escritos “com a ponta dos dedos” possuem uma relação profunda com o restante da obra clariciana:

Estrategicamente me limitando à forma, percebi que as matrizes poéticas de todos esses textos, nascendo entre fulgurações fragmentadas, são submetidas à mesma técnica de desgaste, como se a escritora “desescrevesse” o texto, na expressão feliz de Benedito Nunes, ou como um lenço de seda que continuamente se desatasse. É como se Clarice tivesse escrito apenas um livro durante toda a vida, obedecendo a modulações que às vezes quase o desfiguram, ao sabor de dificuldades pessoais e profissionais experimentadas, sobretudo, após seu regresso ao Brasil, em 1959.

A feitura de textos “com a ponta dos dedos” revela também uma Clarice muito preocupada com a beleza, a moda, os cuidados com os cabelos, a pele, o controle de peso e tudo que pudesse envolver a estética da aparência. Nesse ponto, a correspondência se encontra com a matéria de uma coluna jornalística por ela mantida durante alguns anos, com a justificativa de que precisava sobreviver, uma vez que estava separada do marido e com a incumbência de criar dois filhos. Na época, a escritora valeu-se do recurso de pseudônimos – Helen Palmer, Ilka Soares – para evitar que descobrissem a autoria da matéria, uma vez que já era uma escritora consagrada e muito visada pela crítica.

Em *Minhas queridas*, Clarice sugere essas questões:

Você passou alguma tintura nos cabelos? Que cor? Espero que não tenha sido negro, que endurece muito os traços. Por uma fotografia recente de Marcinha tive a impressão de que os dentes estavam ligeiramente salientes. É verdade? (2007:211).

Querida, você está com o cabelo curto? Mande um retrato assim. Eu estou com o cabelo enorme, pretendendo cortar e ondular embora não saiba se

me fica bem. Mas já estou muito cansada de minhas hesitações, que já me trouxeram bastante aborrecimento (2007: 206).

As pulsações da escrita clariciana, na coletânea de cartas *Minhas queridas*, são provocadas especialmente por desafios contextuais resultantes (como já foi afirmado anteriormente) do “desenraizamento geográfico e emocional” da escritora, culminando por desestruturar o seu texto familiar, que gagueja, balbucia, lacrimeja, bate o pé, aproximando-se da linguagem infantil em sua feição predominantemente tautológica. Entretanto, após muitos anos de exílio e com a perspectiva de volta iminente ao Brasil, vislumbramos o retorno do estilo clariciano em sua integridade, pleno de energia e de profundas reflexões:

- Fiquei contente em Marcinha perguntar quando volto. Diga a ela que talvez no começo do ano que vem estejamos lá. Diga a ela que esses anos todos pingaram gota a gota e que eu por assim dizer contei uma por uma – mas que ao mesmo tempo passaram incrivelmente depressa porque um só e único pensamento ligou-os: esse tempo todo foi como o desenvolvimento de uma idéia só: a volta. Diga a ela que não espere, por isso, me ver voltar aos pulos de alegria e aos risos: *nunca se viu ninguém sair da prisão aos risos: a alegria é muito mais profunda, e também o tempo de contenção e a obrigação de paciência ensinam a calma* (2007:184 - grifos nossos).

Segundo André Luís Gomes, em seu texto “Entre focos: correspondências e textos literários”, publicado na revista *Cerrados* (2007:17), a correspondência enviada e recebida por Clarice Lispector é extremamente esclarecedora para aqueles que se dispõem a decifrar seus textos literários e tem sido fundamental para a organização e elaboração das várias biografias da escritora. As cartas são reveladoras do universo pessoal e ficcional de Clarice, em seu esforço por apresentar-se como uma mulher comum, esposa e mãe de dois filhos, que escreve cartas e se lastima por estar longe de seus parentes queridos e de si própria. Portanto, é quase impossível compreendê-la sem a leitura desse valioso material.

Vêra Lucia Albuquerque de Moraes
Fernanda Maria de Abreu Coutinho
Professoras da Universidade Federal do Ceará

Referências bibliográficas

- ARÊAS, Vilma. *Clarice Lispector: com a ponta dos dedos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- GOTLIB, Nádía Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Ática, 1995.
- LISPECTOR, Clarice. *Minhas queridas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- _____. *Correspondências*. Org. Teresa Montero. Rio de Janeiro: Rocco, 2002
- _____. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Sabiá, 1969.
- _____. *Laços de família*. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves: 1960.
- _____. *A maçã no escuro*. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1961.
- _____. *A hora da estrela*. 23ª. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.
- _____. *Água viva*. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- _____. *A paixão segundo GH*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- MANZO, Lícia. *Era uma vez: EU. A não-ficção na obra de Clarice Lispector*. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura: The Document Company – Xerox do Brasil, 1997.
- MONTERO, Teresa. *Eu sou uma pergunta – uma biografia de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- NUNES, Maria Aparecida. *Clarice Lispector jornalista: páginas femininas e outras páginas*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.
- OLIVEIRA, Clenir Bellezi de. Fênix das palavras. In: *Discutindo literatura: Clarice Lispector – um olhar sobre a obra de uma das divas das letras brasileiras*. Rio de Janeiro: Oceano Ind. Gráfica, ano 3, número 14. p. 35-43.
- REGUERA, Nilze Maria de A. *Clarice Lispector e a encenação da escritura*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- SÁ, Olga de. *A escritura de Clarice Lispector*. Petrópolis: Vozes; Lorena: Faculdades Integradas Teresa d'Ávila, 1979.
- SABINO, Fernando. *Cartas perto do coração – Fernando Sabino/Clarice Lispector*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SOUSA, Ana Aparecida Arguelho de. *O humanismo em Clarice Lispector: um estudo do ser social em A Hora da Estrela*. São Paulo: Musa Editora; Dourados: Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2006.

Resumo

Os livros *Cartas perto do coração*, *Correspondências* e *Minhas queridas* cobrem quase quatro décadas da vida de Clarice Lispector, dos anos 1940 até pouco antes da morte da autora, em 1977. São cartas endereçadas às irmãs Elisa e Tânia, ao marido Maury Gurgel Valente e aos escritores Lúcio Cardoso, Fernando Sabino, Rubem Braga, Manuel Bandeira, Érico Veríssimo, Carlos Drummond de Andrade, entre tantos amigos queridos. Referem-se, principalmente, aos 16 anos que Clarice morou na Europa e nos Estados Unidos, assumindo a personalidade de Clarice Gurgel Valente.

Palavras-chave

Cartas; Amigos; Escritores; Notícias.

Abstract

The books *Cartas perto do coração*, *Correspondências* and *Minhas queridas* include almost 400 letters, which cover four decades of Clarice Lispector's life. Those letters were addressed to her sisters Elisa and Tânia, to her husband Maury Gurgel Valente, and to the writers Lúcio Cardoso, Fernando Sabino, Rubem Braga, Manuel Bandeira, Érico Veríssimo, Carlos Drummond de Andrade, among other dear friends. This precious collection of documents contains, mainly, news referring to the 16 years spent by Clarice in Europe and in United States of America, as Clarice Gurgel Valente.

Keywords

Letters; Friends; Writers; News.